

# O TRAÇO COMO FUNDAMENTO DA MEMÓRIA SOCIAL

*Joana Souza<sup>1</sup>*

## RESUMO

A proposta do trabalho é mostrar que a memória tem uma estrutura moebiana e, por essa razão, as tradicionais fronteiras que opõe o interno e o externo, o subjetivo e o social, se dissipam a partir de um percurso. Evidencia-se que os traços presentes na cultura são, na verdade, expressões de inscrições internalizadas pelos sujeitos que dão origem as diferenças culturais que regem o tecido social. A forma singular como cada cultura lida com suas memórias, ou seja, o que é rememorado, o que é esquecido e aquilo que retorna nas celebrações e nos ritos evidenciam a força dos traços: conservam ao mesmo tempo em que possibilitam a recriação de novos sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Social. Traço. Psicanálise.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Psicóloga. Doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Clínica e Pesquisa em Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Especialização em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Associada do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis. Av. Lúcio Meira, 14, Várzea, 25953-003, Teresópolis, RJ. [joanapsi@uol.com.br](mailto:joanapsi@uol.com.br).

“Como fazer no bicho homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?” ... Esse antiqüíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que sua mnemotécnica. “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (...) (Nietzsche, 1887/2009, p. 46),

Dentre os pensadores da memória, Nietzsche ganha um lugar privilegiado ao evidenciar a força exercida pelo social em sua produção. De forma contundente destaca as relações de força e poder de uns sobre os outros, apontando desde já que a memória pode ser tomada como um produto social. Dessa forma, Nietzsche contribui de forma significativa para a construção do conceito de “memória social”, o que não significa que este conceito esteja acabado, ao contrário, como salienta Gondar e Dodebei (2005, p. 7, 15):

[...] o conceito de memória social não pode ser formulado de forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos, ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. (...) A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas.

Entendo que é o caráter inacabado do conceito de memória de social o que impulsiona novas pesquisas, na tentativa de fazer avançar a compreensão acerca desse fenômeno. É nesta perspectiva que minha pesquisa se insere.

A escolha da citação acima, extraída do livro *Genealogia da moral*, como epigrafe que abre essa exposição, não foi aleatória. Deve-se ao fato de encontrarmos nela uma preciosa indicação da presença da marca, ou, do traço, como preferimos chamar, na constituição da memória. Para Nietzsche, a memória surge a partir de uma marca gravada a fogo, o que já indica a violência do traço e a dor que é infligida ao corpo. A memória nietzschiana é criada, ela deve seu aparecimento a condições sociais, “ela está referida a um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembrança e esquecimento” (GONDAR & DODEBEI 2005, p. 7).

Maurano no texto *O mal-estar na memória* numa referência a Nietzsche, destaca que a dor infligida ao corpo tem por objetivo a memorização do ato que a gerou, dessa forma “a memória se inscreve muito facilmente no corpo com marcas, rugas, linhas de expressão, cicatrizes e sofrimentos” (MAURANO, 2016 p. 216).

As proposições de Nietzsche a respeito da memória já apontam a presença de uma marca “gravada a fogo”, indício da presença de um traço que serviria de fundamento para a constituição da memória social.

Tal ponto despertou meu interesse e possibilitou o surgimento de algumas indagações: O que é o traço e qual a sua importância para o entendimento da constituição da memória social? Existe um conceito subliminar de traço na obra dos pensadores da memória? Essas são algumas questões que suscitam meu interesse, e que quero aprofundar durante o processo de pesquisa no doutorado.

Nietzsche é um autor de extrema importância no que tange à construção do conceito de memória social. Por outro lado, Arno e Wehling (1997) nos informam que esse tema já havia sido abordado anteriormente pelo sociólogo francês Émile Durkheim no texto *Representações individuais e representações coletivas* (1898), no qual sublinha “o caráter simbólico da memória individual, como traço de um complexo social mais amplo” (WHELING & WHELING 1997, p. 13). Inaugura-se, nesse momento uma reflexão sobre o “elo entre memória individual e memória coletiva”.

Entretanto, coube a Maurice Halbwachs a consolidação desse novo campo de estudos a partir da criação do conceito de memória coletiva, termo que ele utilizou para estabelecer uma contraposição em relação à memória individual. A memória coletiva em Halbwachs é uma “narrativa que se produz em grupos que remete ao passado. Por isso é carregada de afetos que conectam o passado, familiar e próximo, com o presente” (LIFSCHITZ 2015, p. 9). É, portanto, uma memória que se produz a partir do encadeamento das memórias individuais e das experiências compartilhadas em grupo. A importância dessas proposições é inegável. Halbwachs escreveu seu nome na história das ciências sociais ao promover um corte que rompeu definitivamente com a concepção estritamente individual da memória que se impôs “durante dois milênios e meio” (WHELING & WHELING 1997, p. 11). Assim sendo, indago: será possível pensar que a concepção de memória coletiva construída por Halbwachs já esteja apontando para presença de um traço cultural responsável por organizar as relações em um determinado grupo social? Talvez a rememoração das experiências compartilhadas, não seja outra coisa senão a atualização, o re-investimento do traço fundador de uma memória que é “feita de encontros, nas mesas dos bares, nas esquinas, encontros ocasionais, que geram narrativas orais e espontâneas” (LIFSCHITZ 2015, p. 9).

Entretanto, no decorrer do tempo, novas contribuições foram acrescentadas por pensadores das mais diversas áreas, no sentido de ampliar essa proposição inicial. Andreas Huyssen, um dos mais importantes pensadores das questões da memória da atualidade, sublinha no livro *Seduzidos pela memória* a emergência da memória como uma preocupação cultural e política central das sociedades ocidentais. Como atesta, há no presente um deslocamento do foco do futuro para o passado, fato que lhe permite pensar que há uma necessidade de “recodificação do passado”, que se “iniciou depois do modernismo”, promovendo um excesso de musealização do mundo. (HUYSSSEN, 2000 p. 9, 10, 15). Tal enfoque na memória fez deslanchar os estudos que acabaram por estabelecer o campo da memória social. A noção de memória social se constitui como um importante avanço em relação ao pensamento de Halbwachs, pois compreende não só a formação de memórias sociais e de grupos relativamente estáveis, mas, sobretudo um campo de lutas e embates entre recordação e esquecimento. Tal embate deve-se a crescente midiaticização da cultura que coloca em destaque a questão da temporalidade, como afirma Huyssen:

As próprias estruturas da memória pública midiaticizada ajudam a compreender que, hoje, a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo do esquecimento. Este medo do esquecimento articula-se paradigmaticamente em torno das questões do Holocausto, na Europa e nos Estados Unidos, ou dos presos políticos desaparecidos na América Latina. (HUYSSSEN, 2000 p. 19).

É neste cenário que a noção de memória social vai se ampliando cada vez mais, como descreve Huyssen (2000 p. 37) “a memória vivida é ativa, viva, incorporada ao social – isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões... a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimentos, em suma, ela é humana e social.”

Na esteira desse movimento, podemos contar também com a contribuição de outro grande pensador: Sigmund Freud. Seu olhar a respeito da memória possui extrema relevância para a compreensão dos fenômenos psíquicos envolvidos nessa questão. Fazendo avançar o campo inaugurado por Halbwachs, estabelece uma crítica a respeito da pretensa dicotomia entre a psicologia individual e a psicologia social indicando que raramente a psicologia individual se acha em posição de desprezar a relação com outras pessoas. Dessa maneira, aponta que a psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social (FREUD, 1921 [2006] p.81).

Um ponto que particularmente me interessa na abordagem freudiana a respeito da constituição da memória social, diz respeito às suas considerações a respeito do surgimento do eu humano. No ensaio intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud afirmará que o eu humano se constitui a partir da experiência de encontro com o outro. Destaca que é a identificação com a imagem e com a palavra do Outro, aquilo que faz com o eu promova o recalque das pulsões autoeróticas instituindo, assim, a divisão radical que caracteriza o sujeito humano (SOUZA, 2014, p. 30). Com essas proposições, Freud aponta o caráter de alienação ao desejo do Outro que a constituição do psiquismo humano comporta, e com isso, ultrapassa toda a barreira que separa o individual do social.

Anos depois, no texto *Psicologia das massas e análise do Eu* de 1921, assevera que a identificação provoca transformações no eu na medida em que assimila determinados traços dos objetos, fato revelador de que o eu humano se constitui a partir de um precipitado de identificações a traços dos objetos amados e abandonados (SOUZA, 2014, p. 31). Por outro lado, também afirma que a identificação é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”, revelando a trama afetiva envolvida na constituição do psiquismo humano. Tal fato indica o caráter social sempre presente na constituição da memória, o que nos permite afirmar, parafraseando a afirmação freudiana, que toda memória é ao mesmo tempo individual e social. Dessa forma, entendemos que é inexorável a importância das contribuições oriundas do campo psicanalítico para esse novo campo discursivo que é a memória social.

Na esteira de Nietzsche e Freud, veremos que, desde a Antiguidade, a produção de marcas é utilizada pelos homens como estratégia privilegiada para inscrever sua existência no mundo. Através das marcas, o homem faz-se perpetuar. Ele escreve sua história, ao mesmo tempo em que constrói sua memória. Por esse viés, talvez possamos pensar que assim como o fato está para a história, o traço esteja para a memória. Que relações existem entre a memória social e o traço?

Antes de abordarmos especificamente a relação entre o traço e a constituição da memória social, faz-se necessário voltar dois milênios e meio no tempo para buscar na história da civilização grega as primeiras concepções a respeito da memória. Em seguida, tentarei mapear a incidência das noções de traço, marca e vestígio na obra de alguns autores, na tentativa de estabelecer uma articulação com a memória social.

O pensador helenista Jean- Pierre Vernant em *Mito e pensamento entre os gregos* (2002) nos informa que no princípio dos tempos a memória era representada por uma divindade: Mnemosine, deusa grega filha de Urano (céu) e Gaia (terra) e irmã de Crono (tempo) e Okeanós (infinito), presidia uma função poética. (VERNANT 2002, p. 137).

Como musa inspiradora do canto épico, Mnemosyne transpõe o limite temporal ao mesmo tempo em que condensa forças totalmente contraditórias: o tempo e a morte. Jean-Pierre Vernant salienta que o poeta, inspirado pelas musas tinha o dom de cantar sobre o passado. Entretanto, esse passado não era individual, mas uma forma de passado primordial, original e heróico, o passado coletivo:

Mas, ao contrário do adivinho que deve quase sempre responder às preocupações referentes ao futuro, a atividade do poeta orienta-se quase exclusivamente para o passado. Não o seu passado individual, e também nem o passado em geral como se se tratasse de um quadro vazio, independentemente dos acontecimentos que nele se desenrolam, mas o “tempo antigo”, com seu conteúdo e as suas qualidades próprias: a idade heróica ou, para além disso, a idade primordial, o tempo original. (VERNANT 2002, p. 137).

A memória para os gregos, não é a construção de um “pensamento no tempo”, mas sim a evasão para fora dele. Ela não visa elaborar uma história individual onde se afirmaria a unicidade do eu; a memória quer realizar a união da alma com o divino (VERNANT 2002, p. 161).

É importante ressaltar, que o culto à Mnemosyne evidencia um momento da história da civilização grega em que a tradição oral predominava. A “narrativa” era a técnica privilegiada no ato de contar histórias e a rememoração dependia do exaustivo treino de memorização da história, que era transmitida de geração a geração. Vernant sublinha que a sacralização de Mnemosyne “marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição puramente oral como foi a civilização grega, entre os séculos XII e VIII, antes da difusão da escrita” (Vernant 2002, p. 137).

Platão acreditava que a memória estava relacionava com a própria faculdade de conhecer. O saber não é outra coisa senão lembrar-se, é escapar pra fora do tempo enquanto que o esquecimento seria o abandono do conhecimento (PLATÃO 370 a. C., p. 39). Vamos encontrar em Platão uma oposição à escrita. Para ele, a escrita engendraria nos homens o esquecimento pela falta do exercício da memória. A crítica que ele faz à escrita é apresentada em *Fedro* (275) a partir da narrativa do mito de Theuth o deus-ibis de Naucrátis criador do cálculo, da astronomia e da geometria e

também das letras. No mito Theuth apresenta ao Faraó do Egito sua invenção - a escrita - e a define como o melhor remédio para a memória, ao que o Faraó responde:

Ó engenhosíssimo Theuth, um homem é capaz de criar os fundamentos de uma arte, mas outro deve julgar que parte de dano e de utilidade possui para quantos dela vão fazer uso. Ora tu, neste momento, como pai da escrita que és, apontas-lhe, por lhe queres bem, efeitos contrários àqueles de que ela é capaz. Essa descoberta, na verdade, provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, recordar-se-ão de fora, graças a sinais estranhos, e não de dentro, espontaneamente, pelos seus próprios sinais. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória, mas para a recordação. (PLATÃO 274b a. c. p. )

É interessante pensar que o fato de os gregos darem extrema importância à fala em detrimento da escrita, já denota um traço característico dessa civilização: a valorização da narrativa e a importância da presença do aedo, que com seu canto ou poesia, permite que as imagens carregadas de afetividade sejam restauradas na memória dos ouvintes. Na narrativa, a repetição é o que torna possível a revivência da experiência. Dessa forma, podemos concluir que ela só possui um sentido se for dirigida ao coletivo.

A psicanálise à semelhança dos gregos apóia todo seu arcabouço teórico-clínico na oralidade. Foi a escuta das histórias narradas pelas histéricas em sua clínica, que tornou possível a construção do campo psicanalítico. Veremos que, desde o início, Freud se ocupou em demonstrar a importância da linguagem na constituição da memória, o que resultou na descoberta de um poderoso e complexo sistema que possui leis e lógica próprias de funcionamento: o inconsciente. Em um de seus primeiros trabalhos sobre as Afasias (1891) mostrou que a memória é constituída por representações (Vorstellung), ou seja, pelas marcas ou traços deixados no psiquismo pelas palavras ouvidas, por imagens percebidas que constituem o conjunto de experiências das experiências vividas.

Para Freud, a representação abarca tudo que é inscrito no psiquismo a partir da experiência de encontro com o semelhante. O campo representativo é responsável pela produção de sentido, o que indica que é em relação a esse campo que a realidade pode ser assimilada pelo sujeito.

A representação palavra (Wortvorstellung), no texto sobre as Afasias, é composta pelos elementos acústico, motor (fala e escrita) e visual (leitura) e as representações de objeto ou “associações de objeto”, como ele as chama, por elementos visuais, táteis e acústicos. Afirma Freud: “A representação-palavra está

ligada à representação-objeto a partir não de todos os seus componentes, mas apenas através da imagem acústica”. (Freud, 1891 [1977] pg. 71). O que Freud coloca em evidencia é que a representação-palavra, para significar algo, necessita do enlace à representação-objeto o que revela a importância da linguagem na constituição da memória bem como o caráter social inerente ao encontro com o semelhante no início da vida.

Em 1895, no texto Projeto para uma psicologia científica, utilizando uma linguagem fisiológica e descritiva, Freud apresenta um modelo hipotético de um aparelho de memória marcado por trilhamentos (caminhos) que teriam a função de escoar a energia psíquica. Fazendo avançar suas pesquisas a respeito da constituição da memória, levantará a hipótese de que o ser humano – em virtude de sua prematuração tanto física quanto psicológica – traz como marca estrutural o desamparo primordial. O desamparo primordial é o que revela a incapacidade do sujeito humano de garantir sua sobrevivência sem o auxílio de um semelhante. Ele está, portanto, marcado por sua dependência em relação ao outro.

Freud levanta a hipótese de que o nascimento é uma experiência marcada pelo desamparo oriundo do aumento de excitação no psiquismo que é sentida no corpo. Essa excitação, por sua vez, só pode ser eliminada por meio do que ele chamou de “experiência de satisfação”, que é a primeira marca feita no psiquismo que permitirá a constituição da memória, a aprendizagem e a consequente aquisição da linguagem. Esse momento se configura pela entrada em cena de outro ser humano que intervém com seus cuidados, apaziguando o desamparo (aumento de excitação) experimentado pelo organismo, o que é sentido como um alívio da tensão. É, pois, a eliminação da tensão que provoca no organismo a sensação de prazer que caracteriza a primeira experiência de satisfação, tal como indica Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é atraída para o estado em que se encontra a criança, mediante a condução de descarga pela via de alteração interna. Essa descarga adquire, assim a importantíssima função secundária de comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. (...) A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (FREUD, 1895, p. 370).

Verifica-se que Freud levanta a hipótese de que a experiência primitiva de satisfação constituirá a o primeiro traço mnêmico (representação) inscrito na memória. Dessa forma, podemos afirmar que a descrição freudiana acerca da constituição da

memória evidencia que esta se constitui a partir de traços mnêmicos, ou seja, marcas deixadas pela experiência de encontro com o semelhante. Outro ponto que é destacado no Projeto é a presença de uma tendência do psiquismo de reeditar essa primeira marca de prazer proporcionada pela experiência de satisfação. Como afirma Maurano, “o psiquismo enquanto um aparelho avança para frente e insiste para trás pelas fixações nas fontes de prazer originais. Ou seja, insiste nas marcas, nos traços de memória deixados por essas experiências”, inaugurando um movimento pulsante motivado pelo desejo

Essa questão será retomada por no texto Além do princípio de prazer (1920), quando teoriza definitivamente a compulsão à repetição. Como afirma a compulsão à repetição revela uma memória orientada pela repetição da satisfação e pela busca incessante de um objeto que coincide apenas parcialmente com aquilo que se tenta reencontrar, e coloca em cheque a presença de um resto inassimilável que o sujeito é incapaz de representar, mas que ao mesmo tempo comanda seu desejo. A repetição, portanto, é um trabalho psíquico que visa a simbolização das marcas que constituem o sujeito.

A fixação nas marcas de prazer, e a conseqüente evitação do desprazer que, em último caso, seria o retorno da situação de desamparo, é o que condiciona o recalçamento, uma defesa psíquica constitutiva da própria estrutura psíquica do sujeito oriunda de um cisão, “um corte que nega a entrada na consciência ao representante psíquico da pulsão” (MAURANO 2016, p.218). Freud pensa o recalque como um não querer saber, uma forma peculiar de esquecimento que, paradoxalmente, funciona também como uma maneira de conservação, de manutenção das marcas de desejo primitivas. Na visada freudiana, o esquecimento é uma forma salutar de lidar com as fixações, pois “permite a retoma do fluxo da existência”, o que evidencia que nós humanos operamos sempre a partir das “marcas e dos traços que deixam em nós” (MAURANO 2016, p.216).

O filósofo Jacques Derrida no texto Freud e a cena da Escritura fará uma leitura bastante original do texto freudiano Projeto para uma psicologia científica à medida em destacará a importância da facilitação (Bahnung) na constituição do psiquismo. Esse autor fará um percurso na obra freudiana que vai desde o Projeto até o Bloco Mágico para mostrar a importância da noção de facilitação nos textos freudianos a respeito da memória e sua relação com a escrita do traço. A proposta de Derrida desde o texto Gramatologia, caminha na direção de desconstruir o logofonocentrismo

responsável pela oposição entre a voz (phoné) e a escrita que predominava desde Sócrates. Um ponto que considero importante na obra desse pensador é a afirmação da noção do traço como *différance*, noção essa que destacará a importância das relações entre a escritura e o tempo, como afirma:

Na gramatologia e, sobretudo em *La différance*, tentei situar pelo menos a necessidade de reinterpretar um certo rastro de Nietzsche e de Freud. A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença de si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também. (Derrida, 2001/2004, p. 204).

Em sua leitura de Freud, Derrida apontará o traço como condição de qualquer significação. Para ele, o traço é uma arqui-escrita que precede qualquer comunicação, pois qualquer marca feita em uma folha de papel é na verdade a representação gráfica de uma outra escrita presente na memória inconsciente.

Essas questões já haviam sido abordadas por Freud na carta 52, enviada por a Fliess, o aparelho psíquico em que o aparelho psíquico é apresentado como um aparelho de memória que se forma por “estratificação” em que o “material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias...” (Freud 1896 [2006] pg. 281). O traço nesse momento de sua elaboração passa a ter a capacidade de se alterar a partir de retranscrições periódicas derivadas das experiências, entretanto permanece o mesmo. Nessa carta o que vemos é o abandono do modelo neurológico e o surgimento de um primeiro modelo abstrato de um psiquismo capaz de representar graficamente a sequência temporal de inscrições e retranscrições, permitindo-nos vislumbrar algo da história de um sujeito, como que escrita em um livro. Como é possível perceber a teoria do traço mnêmico ocupar um lugar central nos textos freudianos acerca da constituição da memória.

Derrida, na esteira de Freud, chamará de escrita “tudo aquilo que dá origem à uma inscrição em geral, seja ou não literal ou mesmo se aquilo é alheio à ordem da voz: cinematografia, coreografia, naturalmente, mas também a “escrita” pictórica, musical, escultural (...) e finalmente ... o campo total coberto pelo programa cibernético será o campo da escrita” (Derrida 1967 [1976], p. 9). De fato, o que vamos encontrar em Freud será uma representação da memória, e, portanto do aparelho psíquico, como uma máquina de escrita descrita em *Nota sobre o bloco mágico* (1925).

Em Freud e a cena da Escritura descreverá a memória freudiana da seguinte forma:

A memória não é portanto uma propriedade do psiquismo entre outras, é a própria essência do psiquismo. Resistência, e por isso mesmo abertura à efração do traço... A diferença entre as explorações, tal é a verdadeira origem da memória e portanto do psiquismo. Unicamente esta diferença libera a “preferência pela via”. A memória é representada pelas diferenças de explorações entre os neurônios... é necessário precisar que não há exploração pura sem diferença. O traço como memória não é uma exploração pura e simples, e a diferença indiscernível e invisível entre as explorações. Sabemos portanto já que a vida psíquica não é nem transparência do sentido nem opacidade da força, mas a diferença no trabalho das forças. Nietzsche dizia-o bem. (Derrida 1967 [1976], p. 185).

Em sua leitura de Freud, Derrida traz uma importante contribuição para o entendimento das diferenças presentes nas mais diversas culturas. Cada sujeito, cada povo, raça e nação se apropriará de suas marcas de uma determinada forma, indicando que a transmissão social da cultura se dá a partir do caráter memorial conferido às experiências vividas. As celebrações, as festas, os ritos, enfim, o caminho escolhido seja na vida subjetiva ou no social são, na verdade, a atualização de um passado que se torna presente em cada momento em que é lembrado. Por outro lado, é possível também verificar que há no homem uma tendência em deixar marcas, vestígios por ele passa. Os registros textuais, as fotografias, a construção de monumentos e até mesmo o gesto dos grafiteiros ao espalhar sua marca pelos prédios e viadutos da cidade evidenciam uma propensão no homem em deixar marcas, rastros por onde ele passa.

Passado, presente e futuro de mesclam revelando que a memória revelando a atemporalidade da memória. Como sublinha Andreas Huyssen, vivemos um momento onde a apropriação e a preservação das memórias passadas coloca em cena uma enorme preocupação relacionada ao esquecimento. Entretanto, não posso deixar de perceber que a conservação dos traços, das marcas não implica necessariamente em uma fixidez que impede a sociedade de avançar. Passado, presente e futuro se mesclam em grandes metrópoles onde imponentes prédios históricos povoam a paisagem urbana ao lado de maravilhas arquitetônicas da modernidade. Londres, capital da Inglaterra, pode ser tomada como exemplo da convivência entre o que diz respeito a um momento passado da história daquela nação e o novo, que surge a partir do gesto criativo dos que a habitam no presente. A beleza imponente do parlamento inglês com seu famoso Big Ben compartilha o cenário com a arquitetura moderna, onde prédios se erguem com suas fachadas envidraçadas, dentre os quais

se destaca de forma impressionante uma torre no formato de um projétil que aponta para o céu. A belíssima Tower Bridge compartilha a paisagem do Rio Tamisa com a London Eye, a maior roda gigante do mundo. Outro exemplo que pode ser tomado é o recém inaugurado Museu do Amanhã, do Rio de Janeiro, uma obra magnífica onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam por meio do uso de equipamentos multimídia que projetam informações sobre os grandes inventores do passado de forma que os visitantes possam interagir com as imagens. Talvez a própria ideia de museu como um lugar em que são depositados objetos do passado, precise ser ressignificada em nossos dias. O Museu na atualidade é um espaço de convivência entre o passado, o presente e o futuro, fato que evidencia que a conservação dos traços e das marcas, caminha lado a lado com a produção do novo.

Walter Benjamin, um dos principais pensadores do campo da memória social, afirmava que a modernidade lança suas bases sobre ruínas, “sobre restos de construções antigas”, ruínas essas que quando “ressignificadas, podem trazer novos sentidos de experiência”. Como salienta Regina Abreu no artigo Memória social: itinerários poéticos-conceituais, a relevância do pensamento de Benjamin está no caráter utópico de seu projeto que imaginava “novas formas de existir a partir de fragmentos que permitam refletir sobre os elos espaçotemporais”. A autora afirma ainda que, o “movimento proposto por ele é a transmutação de ruínas em alegorias, em que os sujeitos se apropriem do sentido de suas próprias existências” (ABREU 2016, p. 48).

Tais considerações ressaltam que a memória possui uma estrutura onde passado, presente e futuro amalgamados se estendem um sobre o outro, formando uma tessitura que rompe definitivamente com a ideia de linearidade do tempo. Essa trama composta por traços e marcas memoriais é o que possibilita que o sujeito exerça sua força no mundo a partir de uma das mais importantes funções da memória: a linguagem.

É nessa esteira que outro grande pensador das questões da memória social surge: o psicanalista francês Jacques Lacan, cujo ensino foi profícuo no sentido de possibilitar um retorno aos textos freudiano, estabelecendo um diálogo destes com a lingüística de Ferdinand e Saussure, com a antropologia de Claude Levi-Strauss, além de incorporar à psicanálise os estudos da lógica e da matemática, criando uma topologia que fosse própria a esse campo.

A subversão promovida por Lacan foi justamente a de evocar a existência de uma ordem simbólica que coloca o sujeito numa relação direta com sua própria fala, visto que antes mesmo de nascer, o sujeito é inserido num mundo simbólico, ou seja, em mundo constituído por uma ordem simbólica. A linguagem simbólica insere o homem na cultura, ao mesmo tempo em que inaugura um modo diferente de relação com a própria realidade. O sujeito ao ser inserido nessa ordem simbólica que existe antes mesmo de ele nascer, ocupa um lugar no sistema de relações, fato extremamente importante para cernirmos a importância da linguagem na constituição da memória social (SOUZA 2014, p.92).

Em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953), destaca a importância da desejo na constituição do sujeito. Na ordem simbólica, o desejo é aquilo que permite que o vivente seja investido libidinalmente pelo outro responsável por introduzi-lo no universo humano. Ou seja: para que o ser vivente habite o universo humano faz-se necessário que ele seja essencialmente desejado e reconhecido pelo outro.

A ordem simbólica mostra que o homem, por estar inserido na linguagem, desvinculou-se de qualquer ordem natural regida por instintos, passando a ser regido por uma lei que estabelece a interdição do incesto, ao mesmo tempo em que organiza e estrutura as relações e escolhas de objeto, criando as condições necessárias para que as relações sociais tenham alguma estabilidade.

Seguindo o rastro deixado por Freud, introduz a hipótese do “traço unário” para se referir a um momento mítico “onde em algum lugar, para o sujeito tudo se marca”. (LACAN, 1960-61 p. 91). O traço unário se refere a existência do Um primordial constituído no lugar de uma falta, de um apagamento originário. Vejamos como Lacan expressa:

Aqui toma seu valor o fato de eu ter sido levado, pelo fio diretor da progressão freudiana, a articular, de uma maneira que me pareceu necessária, a função do traço unário, enquanto ela faz aparecer a gênese da diferença numa operação que se pode dizer situar-se na linha de uma simplificação sempre crescente, que está num propósito que é o que leva à linha de bastões, isto é, à repetição do aparentemente idêntico, que é criado, destacado, o que chamo não de símbolo, mas de entrada no real como significante inscrito – e é isso o que quer dizer o termo primazia da escrita, a entrada no real é a forma desse traço repetido pelo caçador primitivo, da diferença absoluta enquanto ela ali está. (...) levo-os ao ponto de levantar a questão, de definir, de articular passo a passo a solidariedade do estatuto do sujeito enquanto ligada àquele traço unário, com o fato de que o sujeito está constituído, em sua estrutura, onde a pulsão sexual entre todas as aferições do corpo tem sua função privilegiada. (LACAN, 1960-61 p. 170-171).

O traço unário, portanto, é uma marca que, passando obrigatoriamente por um ponto de apagamento, sublinha a existência de uma diferença a cada repetição. Ele é, portanto o significante não de uma presença, mas de uma ausência, afirma Lacan no A identificação. A diferença é suportada pelo traço, e sua repetição revela o sujeito na medida em que ele acaba por se incluir na contagem das repetições de seus atos. O sujeito da psicanálise é dividido, barrado, faltoso e desejante só podendo advir do inconsciente.

Lacan, ao conceituar o traço unário freudiano, promove uma torção na medida em que passa de uma abordagem da identificação pelo viés do imaginário para outra, simbólica, tendo em vista que o traço é responsável por instituir a lógica do significante, cujo papel é marcar, a cada uma de suas voltas, uma diferença. É por essa razão que o sujeito na psicanálise está referido à linguagem, ou seja, à possibilidade de se fazer uso da palavra. O sujeito, portanto, é o sujeito do inconsciente, o que significa o mesmo que dizer ele se manifesta pela via das formações do inconsciente, como indica Freud.

O sujeito, portanto, deve ser tomado em sua dimensão de vazio, o que é o mesmo que afirmar que ele não vem ao mundo a não ser pela intervenção pela palavra que procede do campo do Outro. Por essa razão, o sujeito sempre estará referido a uma alteridade radical. O inconsciente, enquanto um conceito fundamental da psicanálise se encontra justamente entre o sujeito e o Outro. Dessa forma, como afirma Maurano o sujeito não se opõe ao social, ao contrário, apresenta-se como uma dobra deste. (MAURANO 2016, 208).

Fazendo avançar a questão do traço unário freudiano, Lacan introduzirá a noção de letra mostrando sua relação com o sujeito. A letra no seminário sobre a identificação é definida como rasura de um traço anterior que foi apagado mediante a operação do recalque originário, se constituindo como suporte material do significante. Nota-se que a constituição da subjetividade é correlata de uma perda, um apagamento, sendo a apropriação pelo sujeito dos significantes oriundos do campo do Outro o que produz esse apagamento. O recalçamento, ou esquecimento originário é, como indica Lacan, o apagamento do traço, sendo que a marca que fica constitui o que ele chamou de “letra”. Impossível aqui, não nos remetermos às considerações freudianas acerca do Bloco Mágico, uma superfície que recebe impressões passíveis de serem apagadas, mas que conserva as marcas da força exercida pela mão que porta o estilete.

A letra é tributária da passagem da imagem pelo significante, uma imagem apagada, um traço, uma rasura que se transforma em escrita na medida em que é apropriada pela linguagem. “A escrita como material, como bagagem”, diz Lacan, “esperava para ser fonetizada, e é na medida em que ela é vocalizada (...) que a escrita aprende se posso dizer assim, a funcionar como escrita.” (LACAN, 1960-61 p. 91). Lacan entende que a fala é o que abre caminho para a escrita, ou seja, é a palavra que escreve pela primeira vez o que nunca esteve ali, pois por mais que se pense que o inconsciente é um reservatório de representações recalçadas, ele na verdade, é um real, um vazio, que a palavra constitui. De fato, a palavra comporta uma escrita. Assim, o aforismo lacaniano “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” pode muito bem se referir a uma linguagem escrita. (MACHADO, 2000 p. 19).

No Seminário 18 – “De um discurso que não fosse semblante” aponta a anterioridade da fala em relação à escrita:

... o escrito não é primeiro, e sim segundo, em relação a toda função de linguagem, e que, no entanto, sem o escrito, não há nenhuma possibilidade de voltar a questionar o que resulta, em primeiro lugar, do efeito da linguagem como tal, ou, dito de outra maneira, da ordem simbólica, isto é (...) a residência, o lugar do Outro da verdade. (LACAN, 1971 [2009] p. 59-60).

A citação sublinha a incidência do significante sobre o corpo constituindo marcas, traços, rasuras por onde a pulsão escoar. Se a incidência do significante é o que abre esse caminho, a possibilidade de questionar o que resulta de seus efeitos só pode ser feita a partir do escrito. Entende-se que o escrito como um encadeamento das letras, cuja função é a de instaurar a cadeia significante. A letra, portanto, tem a função de servir de suporte para os significantes. Isso significa dizer que a fala está ancorada na escrita, tal como Lacan afirma: “... a fala sempre ultrapassa o falante, o falante é um falado (...) se a escrita pode servir para alguma coisa, é justamente na medida em que é diferente da fala – da fala que pode se apoiar nela...”. (LACAN, 1971 [2009] pgs. 73 e 75).

O primeiro significante constitui-se como a primeira marca: “O traço unário, o próprio sujeito se situa nele e, inicialmente, ele se marca como tatuagem, primeiro dos significantes.” (LACAN, 1964 [1973] pg. 138).

Toda a pesquisa feita até aqui, aponta para a incidência da noção de traço na obra de diversos autores que trabalham a questão da memória social. Tal fato levanta as seguintes questões: é possível pensar o traço como fundamento da memória social? Há um conceito de traço na obra dos autores do campo da memória social?

Ao meu ver, a contribuição da psicanálise é fundamental no sentido de nos indicar um caminho que nos possibilite construir algumas respostas. Minha hipótese é que o traço unário, tal como foi teorizado por Freud e Lacan, se constitui como fundamento da memória social.

Como afirma Maurano (2016 p. 208), “a psicanálise não se ocupa com o levantamento de representações coletivas as quais se supõe o poder de sintetizar valores unificadores de certos grupos, produzindo generalidades abstratas que tomam a memória social como memória de representações coletivas, perspectiva privilegiada por Halbwachs.” Ao contrário, ela se ocupa “em tentar cernir os modos pelos quais a memória se constrói a partir de uma economia de forças que manifesta a presença de subjetividades, que são expressão da dimensão estrutural de linguagem que nos une enquanto humanos”. Dessa forma, podemos afirmar que a especificidade da contribuição da psicanálise para essa discussão está justamente no fato de ela se ocupar com o jogo de forças que estão em questão na constituição da memória e não na simples descrição dos modos de expressão socioculturais desta.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *Memória social: itinerários poéticos-conceituais*. In: Por que Memória Social? Revista Morpheus: Estudos interdisciplinares em memória social, p.
- BENJAMIN, Walter. (1940). *Sobre o conceito de história*. In: \_\_\_\_\_. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 222-232. vol. 1.
- \_\_\_\_\_. (1923). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas III).
- DERRIDA, Jacques (1967) *Freud e a cena da Escritura*. In A Escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques.(1930) *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques & ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã...* Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FREUD, S. (1891) *Afásias*. Freud e seus interlocutores. Rio de Janeiro: Zahar. 2014.
- FREUD, S. (1895[1950]) *Projeto para uma psicologia científica*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. I.
- FREUD, S. (1895[1950]) *Carta 52*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. I.
- FREUD, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. V.
- FREUD, Sigmund. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 2006 Vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1921) *Psicologia de grupo e análise do Eu*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 2006 Vol. XVIII.
- GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LACAN, J. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário sobre a carta roubada*. In: Escritos. Rio de Janeiro, 1998.
- LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. *Lituraterra*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. (1979) *Joyce, o Sintoma*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- LACAN, Jacques. (1974) *Televisão*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- LACAN, Jacques. (1960-61) *O Seminário - A identificação*. Seminário não estabelecido oficialmente. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Centro de Estudos Freudianos, Recife.
- LACAN, Jacques. (1962-63) *O Seminário – livro 10 – A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

## O Traço como Fundamento da Memória Social

- LACAN, Jacques. (1964) *O Seminário – livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- LACAN, Jacques. (1971) *O Seminário – livro 18 – De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.
- LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LIFSCHITZ, J. . *La memória política e sus espectros*. Editorial académica española. 2015.
- MACHADO, A. M. N. *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. 2ª Ed. Santa Catarina: UNIJUÍ, 2000.
- NANCY, Jean-Luc & LACOUÉ-LABARTIE, Philippe. *O título da letra*. São Paulo: Escuta, 1991.
- SOLER, Colette. *O inconsciente: que é isso?* São Paulo: Annablume. 2012.
- MAURANO, Denise. *O mal-estar na memória: algumas incursões contemporâneas*. In: Por que Memória Social? Revista Morpheus: Estudos interdisciplinares em memória social, p. 203-226.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PLATÃO (370 a.C.). *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SOUZA, Joana. *As vicissitudes do Eu na obra de Freud e Lacan*. Dissertação de mestrado apresenta ao programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da UERJ, 2014. Disponível em: [http://www.bdttd.uerj.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=7971](http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7971).
- VERNANT, Jean-Pierre. (1965). *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

## THE DASH AS THE FOUNDATION OF SOCIAL MEMORY

### ABSTRACT

The purpose of the article is to show that memory has a moebian structure and, for that reason, the traditional boundaries that opposes the internal and the external, the subjective and the social, dissipate starting from a course. Evidence itself that the traces present in culture are, in fact, expressions of inscriptions internalized by the subjects that gives origin to the cultural differences that govern the social tissue. The singular form that each culture handles their memories, that is, what is remembered, what is forgotten and what returns in celebration and rituals evidence the strength of the traces: conserve at the same time that they make possible the recreation of new senses.

**KEYWORDS:** Memory. Social. Trace. Psychoanalysis.

## **LA TRACE COMME FONDEMENT DE LA MÉMOIRE SOCIALE**

### **RÉSUMÉ**

Le travail proposé est de montrer que la mémoire a une structure moebiana et, pour cette raison, les frontières traditionnelles entre l'interne et l'externe, le subjectif et le social, se dissipent à partir d'un itinéraire. Il est évident que les traces présentes dans la culture sont, en fait, les expressions des abonnements intériorisés par les sujets, qui donnent lieu à des différences culturelles qui régissent le tissu social. La forme singulière de la manière dont chaque culture traite avec leurs souvenirs, ou, ce qui est remémoré, ce qui est oublié et ce qui revient dans les fêtes et les rites de montrer la force des traces: conserver dans le même temps, qui rendent possible la re-création de nouvelles significations.

**MOTS-CLÉS:** Mémoire. Social. Trace. Psychanalyse.

Recebido em: 10-07-2017

Aprovado em: 15-10-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)